

Contribuições da escola na promoção da Educação em Saúde: concepções de crianças e adolescentes diabéticos

School contributions in the promotion of Health Education: conceptions of diabetic children and adolescents

Geryticia Ledyanne de Santana Santos

Universidade Federal de Pernambuco
geryticia.bio@gmail.com

Camila Maria Santiago Fagundes

Universidade Federal de Pernambuco
camila_maria_santiago@hotmail.com

Andréa do Nascimento Mendes

Universidade Federal de Pernambuco
anascimentomendes@bol.com.br

Wanessa Kamily Bezerra dos Santos

Universidade Federal de Pernambuco
wanessakamily2009@hotmail.com

Marcos Alexandre de Melo Barros

Universidade Federal de Pernambuco
aprendizagemmovel@marcosbarros.com.br

Resumo

As instituições de ensino formal possuem um grande papel de promover a educação em saúde em todos os níveis de ensino. Dessa forma, o objetivo do presente trabalho foi analisar as evidências acerca da educação em saúde para pacientes diabéticos do Hospital Agamenon Magalhães, no Recife. O trabalho buscou investigar quais as contribuições que instituições

formais de ensino fornecem sobre o diabetes. Para tanto, foram realizados questionários com dez pacientes do hospital que estudam em diferentes escolas do Recife e de sua Região Metropolitana. Todos os pacientes apontaram por uma negligência da escola com relação à educação em saúde, evidenciando a importância de ações nas escolas que promovam esse tipo de abordagem.

Palavras chave: educação em saúde, diabetes, escola.

Abstract

Formal education institutions have a major role to play in promoting health education at all levels of education. Thus, the objective of the present study was to analyze the evidence about health education for diabetic patients of Agamenon Magalhães Hospital, Recife. The paper sought to investigate what contributions formal education institutions provide about diabetes. For that, we conducted questionnaires with ten patients of the hospital who study in different schools of Recife and its Metropolitan Region. All the patients pointed to a neglect of the school regarding health education, evidencing the importance of actions in schools that promote this type of approach.

Key words: health education, diabetes, school.

Introdução

O Diabetes Mellitus (DM) constitui, atualmente, um importante problema de saúde pública, sendo considerado como epidemia global pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e pela Federação Internacional de Diabetes (IDF) (XAVIER a). O DM é uma doença crônica de elevada taxa de morbimortalidade, pois a maioria de suas complicações torna o indivíduo incapaz de realizar atividades cotidianas, o que contribui para uma diminuição de sua autoestima, afetando sua qualidade de vida, continua a autora.

Atualmente a escola tem um papel cada vez mais significativo na construção daquilo que seria hábito saudável para os alunos. É nesse ambiente que se deve haver uma discussão entre professores e alunos sobre questões relacionadas à saúde desde a educação infantil. Ao se falar em educação em saúde, temos o professor de ciências como o grande articulador dessa temática e cabe a ele auxiliar o aluno na construção do pensamento crítico (CARVALHO, 2015). Os parâmetros curriculares nacionais (PCN's) afirmam que “é preciso educar para a saúde levando em conta todos os aspectos envolvidos na formação de hábitos e atitudes que

acontecem no dia-a-dia da escola” (BRASIL, 2008a). Sendo assim assuntos relacionados aos hábitos alimentares saudáveis, sintomas de doenças crescentes na sociedade e maneiras de combate devem ser preconizados no ensino de ciência e saúde tendo em vista que a alimentação que crianças e adolescentes fazem na escola configuram um grande fator para o aumento do índice de pessoas com diabetes.

Na medida em que conceitos sobre DM são construídos percebemos que a informação é um dos fatores importantes para a prevenção e cuidados com esse distúrbio, porém a falta de informação e conscientização sobre o diabetes continua a ser um agravante da doença entre os pacientes, que muitas vezes até tem acesso ao atendimento médico, ao diagnóstico (embora às vezes tardio) e ao tratamento, porém em alguns casos não sabem ao menos a gravidade da doença, e isso é um problema caracterizado justamente pela deficiência de promoção da informação para a saúde.

A educação em saúde tem encontrado espaço em diversos hospitais na cidade do Recife, como por exemplo, o Hospital Agamenon Magalhães (HAM). Sabendo que a escola deve contribuir no que diz respeito a educação em saúde surge um problema de pesquisa que consiste exatamente em saber como os conhecimentos construídos nos espaços formais de ensino relacionados com educação em saúde contribuem no tratamento de pacientes diabéticos, junto aos espaços não formais, como os hospitais por exemplo.

Dessa forma foi realizado um levantamento do grau de informação dos pacientes diabéticos já diagnosticados e a importância dessa conhecimento construído no sucesso do tratamento. O objetivo Geral desta pesquisa é analisar as evidências acerca da educação em saúde para pacientes diabéticos do Hospital Agamenon Magalhães (HAM), enfatizando a contribuição dos conhecimentos construídos em instituições formais de ensino, além de avaliar o perfil dos alunos pacientes que possuem DM no Hospital Agamenon Magalhães.

Referencial teórico

As políticas públicas ressaltam e estimulam a importância da educação em saúde para a promoção e manutenção da mesma. Ou seja, quando promovemos a educação relacionada à saúde seja nos espaços formais ou não de ensino, estamos orientando a população para uma melhor qualidade de vida. A carta de Otawa, de 1986 afirma que:

É essencial capacitar as pessoas para aprender durante toda a vida, preparando-as para as diversas fases da existência, o que inclui o enfrentamento das doenças crônicas e causas externas. Esta tarefa deve ser realizada nas escolas, nos lares, nos locais de trabalho e em outros espaços comunitários. As ações devem-se realizar através de organizações educacionais, profissionais, comerciais e voluntárias, bem como pelas instituições governamentais.

Como assevera Felipe (2011, p. 8), “a educação em saúde tem sido valorizada como possibilidade de transformação da prática de atenção à saúde, especialmente no caso das pessoas com doenças crônicas como é o caso do diabetes”. A promoção da educação dessa temática é de grande valia para a redução de custos com os serviços de saúde e para o sucesso no tratamento de pacientes tendo em vista que embora a diabetes seja uma doença crônica e sem cura, quando controlada, possibilita ao paciente a realização de suas atividades diárias sem limitações.

O Diabetes Mellitus é cada vez mais frequente na população mundial, configurando um importante problema de saúde pública. Está associado a complicações que comprometem a produtividade e qualidade de vida dos pacientes. A principal meta do tratamento do diabetes consiste em normalizar a atividade de insulina e os níveis sanguíneos de glicose para reduzir o desenvolvimento de complicações vasculares e neuropáticas (SMELTZER; BARE, 2005).

Aprender Ciências e Biologia na educação básica permite ampliar o entendimento sobre o mundo vivo e, especialmente, contribui para que seja percebida a singularidade da vida humana relativamente aos demais seres vivos, em função de sua incomparável capacidade de intervenção no meio. (BRASIL, 2002, p. 31).

Nos ciclos finais do ensino fundamental, os alunos sistematizam concepções científicas mais estruturadas em relação aos seres vivos, ao ambiente, ao corpo humano, à qualidade de vida das populações e aos sistemas tecnológicos. Ampliam também suas capacidades de valorizar os cuidados com o corpo, de entender que a sexualidade é algo inerente à vida e a saúde e de compreender que boas condições de moradia, saneamento, trabalho, transporte, lazer e boa alimentação são essenciais para o bem-estar de todos, tanto quanto a ausência de doenças. (BRASIL, 2002, p. 31).

Como forma de promover a temática de educação em saúde na Educação Básica, os parâmetros curriculares nacionais (PCN's) sugerem que as escolas realizem campanhas, seminários e trabalhos artísticos, mobilizando diversas classes, divulgando informações, ou utilizando materiais educativos produzidos pelos serviços de saúde, objetivando assim que os alunos estejam aptos a formular proposições com base em questões reais (BRASIL, 2008b).

No entanto, Mohr (2013) afirma que os objetivos escolares contemporâneos não são compatíveis com os pressupostos e metodologias sendo a educação em saúde abordada na maioria das vezes apenas com um viés de repasse de informações e o diálogo sobre as questões de saúde na escola ocorre por meio de atividades avulsas e esporádicas. A promoção da educação em saúde deve ser realizada por instituições de ensino formal e não formal para que posteriormente haja contribuições tanto no diagnóstico como no tratamento do diabetes e de outras doenças.

Metodologia

Com o objetivo de analisar as evidências acerca da educação em saúde para pacientes diabéticos do HAM, enfatizando a contribuição das informações recebidas em instituições

formais de ensino, esta pesquisa apresentou uma abordagem qualitativa, do tipo exploratória. Os sujeitos do estudo foram dez pacientes com diagnóstico de diabetes em uma unidade de saúde para atendimento de pessoas diabéticas do sistema público de saúde, da cidade do Recife. Os sujeitos foram escolhidos justamente por estarem regularmente matriculados em escolas e serem atendidos por uma unidade de saúde que apresenta médicos com especialidade voltada para o diabetes, os endocrinologistas.

Para Diehl (2004), a abordagem qualitativa consiste em descrever a complexidade de determinado problema, sendo necessário compreender e classificar os processos dinâmicos vividos nos grupos, contribuir no processo de mudança, possibilitando o entendimento das mais variadas particularidades do indivíduo. Além dos dois tipos de pesquisas citados no trabalho tivemos outro recurso que pode ser utilizado pelo pesquisador que é o estudo do objeto, onde vão ser analisados a bibliografia, a experimentação e o campo de pesquisa, este último é aquele em que o pesquisador através de questionários, entrevistas, protocolos verbais, observações, etc, coleta seus dados investigando os pesquisados no seu meio. (PRESTES, 2012, p.27).

Baseando-se nisso, utilizamos questionário como recurso para a coleta de dados onde interrogamos pacientes com o intuito de analisar como os conhecimentos construídos nas escolas, por exemplo, contribuem ou contribuíram na qualidade de vida dos mesmos, quando pensado na promoção de atividades educativas voltadas para o assunto. A coleta de dados aconteceu nos meses de abril e maio de 2016 por meio da aplicação desse instrumento, com o objetivo de analisar a percepção dos pacientes sobre a educação em saúde em espaços formais de ensino.

Os dados foram organizados em quatro etapas: (1) perfil dos pacientes, (2) inserção da educação em saúde nas aulas de biologia, (3) contribuição da escola no tratamento, (4) sugestões de como abordar a temática em sala de aula.



Figura 1 Fachada Hospital Agamenon Magalhães



Figura 2 Equipe de Endocrinologia do HAM

Resultados e discussões

Os sujeitos participantes da presente pesquisa compreendem dez estudantes da Educação Básica, todos matriculados em escolas regulares, do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, sendo todos vinculados ao Programa de Diabéticos do Hospital Agamenon Magalhães. Dos dez envolvidos, seis são do sexo feminino e quatro do sexo masculino, com idade entre dez e dezessete anos. Para um melhor entendimento sobre o perfil dos pacientes inseridos na investigação, foi questionado sobre a idade que os mesmos tiveram conhecimento do diagnóstico da Diabetes. Da amostra, seis possuíam entre zero e nove anos e quatro possuíam entre dez a dezessete anos quando descobriram a doença. Diante disso percebemos que o diagnóstico de diabetes nos primeiros anos de vida tem aumentado cada vez mais. Esses dados estão de acordo com a International Diabetes Federation (IDF) quando diz que o diabetes tipo 1 cresce cerca de 3% ao ano em crianças na fase pré-escolar.

Quando questionados sobre os principais incômodos da doença e o que mudou na sua vida após a descoberta da mesma, quatro participantes afirmaram que as “furadas” nos dedos (que são constantes para verificar a glicemia) compreendem um grande incômodo, seguidos das restrições alimentares reforçados por outros quatro envolvidos, conforme relato do Paciente 10 que afirmou “[...] *No começo foi muito ruim, porque não podia comer quase nada do que gostava*” e um menor número (2) disseram que se sentem incomodados com o mal-estar causado pela doença em alguns momentos, de acordo com o relato do paciente 5, quando cita que “[...] *Quando passo mal, por estar com a glicose muito alta ou muito baixa*”.

Percebe-se com essas falas que o que mais incomoda os jovens em idade escolar com diabetes são as furadas nos dedos, importante para o monitoramento e controle diário da glicose, sendo

muitas vezes indispensável no tratamento, já que é a partir dos valores obtidos nos testes que os pacientes irão saber a quantidade de insulina necessária a ser administrada.

Esses dados estão de acordo com os apresentados por Silva (2011) quando diz que em relação ao tratamento propriamente dito, dentre as alterações necessárias para o controle da doença, a implementação de uma dieta balanceada, com horários regulares, tem sido apontada como a exigência mais difícil de ser realizada pelos indivíduos dentro do tratamento de diabetes. Esses dados ainda corroboram com Martins et al (1996) quando discutem que a partir do diagnóstico da doença crônica, os indivíduos acometidos passam a ter novas incumbências como: fazer dieta, conhecer a doença e lidar com incômodos físicos; perdas nas relações sociais, financeiras, nas atividades como trabalho e lazer, ameaças a aparência física, a vida e a preservação da esperança, agravando assim a qualidade de vida desses indivíduos.

Para compreender o papel da escola na qualidade de vida de estudantes que possuem doenças crônicas, foi questionado sobre a participação das instituições de ensino nos dias específicos destinados para combate a algumas doenças, como o Dia Mundial de Combate ao Diabetes que acontece todos os anos no dia 14 de novembro. Entre os entrevistados, a maioria (8), afirmou que a escola não realiza nenhuma atividade para vivenciar o dia destinado ao combate a Diabete, seguido de um que não tinha conhecimento da vivência na sua escola e por fim um que não sabia da existência deste dia de combate ao diabetes, conforme relata o paciente 4 “[...] Não, nem sabia que existia esse dia”. Esses dados demonstram que é fundamental que as escolas vivenciem com mais frequência os dias destinados ao combate às várias doenças, neste caso especificamente, a Diabete, para efetivar a Educação em Saúde no currículo escolar.

Outra questão abordada foi a respeito do comportamento dos colegas da escola ao saber que eles eram diabéticos, (8) responderam que os colegas comportavam-se normais, (1) afirmou que seus colegas não entendem nem do que se trata o diabetes e (1) disse que seus colegas fazem muitas perguntas demonstrando ter interesse e conhecimento pela doença. O fato de oito pacientes dos dez que responderam o questionário afirmarem que seus colegas comportam-se normalmente ascende à questão da ausência de informação, já que como pode alguém se posicionar diante de uma situação se não tem conhecimento suficiente para falar sobre ela? Deste modo optam por agir normalmente, simplesmente por muitas vezes não entenderem nem do que se trata. Segundo Costa et al (2011), a falta de conhecimento sobre a doença tanto dos cuidadores quanto dos próprios pacientes, associada à inadequada capacitação e integração entre os profissionais de saúde, relaciona-se diretamente ao problema da adesão.

Essas constatações apontam para a ineficácia das estratégias tradicionais, sendo necessário que se incorporem nos serviços de saúde novas abordagens capazes de motivar os portadores de DM, fazendo com que o paciente que possui DM se sensibilize para a adoção de novos hábitos e estilo de vida, sensibilizando os mesmos sobre os riscos que a doença pode trazer caso não controlado a glicemia.

Secundariamente, indaga-se que o que mais leva a essas complicações, seriam desde o próprio descuido do paciente, à falta de informações sobre a patologia, dieta inadequada e o abandono

do tratamento. De acordo com a Federação Internacional de Diabetes (IDF) foi desenvolvida uma carta de direitos e responsabilidades das pessoas com diabetes. Esta é uma ferramenta que tem como objetivo aumentar a conscientização da população sobre a doença e combater a discriminação e estigmatização de milhões de pessoas que sofrem com o diabetes e ainda precisam enfrentar a ignorância e muitos equívocos populares, principalmente pela falta de informação.

O questionário também apresentava uma questão que tinha por objetivo saber se na escola, nas disciplinas de Ciências ou Biologia, informava ou fazia algum tipo de campanha sobre a doença, e a grande maioria (9) respondeu que não, (1) disse que às vezes eram realizados trabalhos sobre o diabetes. Conforme mostra o relato a seguir paciente 10 “[...] *Às vezes tem trabalhos sobre diabetes*”. Percebeu-se com essa resposta que a escola ainda não fornece muito espaço para a educação em saúde, deixando assim de contribuir muitas vezes nessa área tão importante que é a saúde. Esses dados estão de acordo com Demarzo e Aquilante (2008) quando dizem que a escola tem como missão principal desenvolver processos de ensino-aprendizagem, desempenha papel fundamental na formação e atuação das pessoas em todas as arenas da vida social, juntamente com outros espaços sociais, ela cumpre papel decisivo na formação dos estudantes, na percepção e construção da cidadania e no acesso às políticas públicas. Segundo Brasil (2008a), as políticas de saúde reconhecem o espaço escolar como espaço privilegiado para práticas promotoras da saúde, preventivas e de educação para saúde. O programa Mais Saúde: Direito de Todos, lançado pelo Ministério da Saúde, em 2008, é um exemplo disso.

Perguntamos também se eles acreditam que a abordagem em sala de aula sobre assuntos como diabetes, ajudaria na prevenção e no controle da mesma? E por quê? Os (10) pacientes responderam que sim nos dando justificativas diversas, como: (1) importância do conhecimento em sala de aula ajudaria no controle da doença, (2) um deles disse que se a escola demonstrasse mais interesse em abordar a temática e participar diretamente nos cuidados requeridos pela doença se preocuparia ao menos com a alimentação disponível na escola, que muitas vezes desfavorece o aluno com diabetes, já que ainda é difícil encontrar espaços como as cantinas escolares que disponham de lanches adequados e necessários para pessoas diabéticas, e por fim (3) outro grupo afirmou que a abordagem do assunto em aula contribuiria para a prevenção da doença.

É o que afirma os relatos da paciente 2 “[...] *Sim, por que se nas escolas tivessem mais informações sobre diabetes, teriam mais cuidados com as alimentações nas cantinas, não só para os diabéticos e sim para a saúde de todos*”. Paciente 1 “[...] *Sim, pois ajudaria na prevenção*”. Paciente 4 “[...] *Sim, por que, por exemplo, eu se tivesse ouvido falar alguma vez na escola sobre diabetes, teria comido menos doce e quem sabe teria evitado de ser diabético*”. Percebe-se então em todos os relatos que a escola ainda deixa muito a desejar quando se trata da abordagem de temas voltados para a saúde e que os alunos acabam percebendo este fato, sabem da importância de se conversar sobre isso e principalmente sentem falta dessa abordagem. Esses dados estão de acordo com Karnikowski e Fungheto (2008) e Brasil (2002) quando dizem que as concepções de saúde que permeiam o ambiente escolar possibilitam o entendimento das ações ali desenvolvidas, em relação à saúde, de

acordo com o cotidiano e a realidade da escola.

E por fim perguntamos se eles achavam interessante trabalhar essa temática em sala de aula e de que modo. Seis dos pacientes responderam que sim e que a metodologia utilizada nas aulas deveriam trazer explicações sobre a doença, uma também disse que sim, ou seja, que seria interessante trabalhar essa temática em sala de aula, porém afirmou não saber dizer como, uma disse apenas que sim e duas também afirmaram que sim e sugeriram que os professores realizassem trabalhos sobre o assunto, um deles ainda sugeriu a presença de médicos nessas aulas para ajudar a levar informações. Como demonstram as falas a seguir paciente 9 “[...] *Sim, falando nas aulas, fazendo trabalhos, levando médicos para falar ao respeito*”. Paciente 2 “[...] *Sim, mais não sei dizer como, mais seria importante né?*”. Paciente 3 “[...] *Acho que sim, conversando sobre o assunto, com explicações do que é como evitar, o que fazer se for diabético*.”

A partir destas falas nota-se que existe sim uma lacuna na abordagem dessa temática e que principalmente os pacientes que por sua vez são alunos sentem falta deste conteúdo em aula, o mais interessante é que os mesmos conseguem citar até as maneiras de como o conteúdo poderia ser abordado, onde a maioria deles optam por aplicação de conteúdos conceituais. De acordo com Coll e colaboradores (1998, p.12), os conteúdos são “um conjunto de conhecimentos ou formas culturais, cuja assimilação e apropriação pelos alunos é considerada essencial para seu desenvolvimento e socialização”, sendo o professor um facilitador/orientador desse processo. São subdivididos em conceituais, procedimentais e atitudinais. Os conteúdos conceituais designam o que o indivíduo deve saber. Eles podem ser subdivididos em fatos, conceitos e princípios. Os fatos possuem caráter concreto e decisivo e são aprendidos de forma memorística (ZABALA, 1998).

Considerações finais

O ensino Formal tem o papel de contribuir no que diz respeito à educação em saúde, Como afirma Ferrani (1997) quando diz que a escola, dentro de uma perspectiva educativa que se integra a outros setores na busca de transformação social, pode ser uma aliada da saúde e vice-versa. Alianças podem ser estabelecidas para o complexo empreendimento de fazer com que crianças e adolescentes se transformem em sujeitos de sua saúde, deixando de ser sujeitos da doença. Com essa instituição, o setor da saúde pode ter suas ações ampliadas no espaço, trabalhando famílias e vizinhanças e, no tempo, participando da educação de futuros cidadãos das informações vivenciadas em instituições formais de ensino.

De acordo com os resultados obtidos verificou-se que a escola deveria ser mais ativa nas abordagens de temáticas voltada para educação e saúde. Pois a impressão que possuímos não foi muito significativa, levando-nos a pensar que as escolas deveriam estabelecer estratégias que visassem levar conteúdos para sala de aula voltada para a temática educação em saúde. Por este motivo sugerimos que fossem implantados diferentes recursos metodológicos tais como: (1) construção de uma Árvore Glicêmica; (2) realização de palestras e também testes glicêmicos com a orientação de um endocrinologista no dia mundial de Diabetes e (3) criação

de Jogos, Gincanas e de um Blog.

Acreditamos que a partir da utilização destes recursos pelas escolas, os estudantes teriam mais informações a respeito da Diabetes Mellitus (DM) tornando-os capazes não só de identificar a partir dos sintomas a doença precocemente, mas também de disseminar o que foi aprendido e vivenciado na escola para a sociedade.

Referências

BRASIL. Ministérios da Saúde e da Educação. Secretaria de Políticas de Saúde. **O projeto saúde na escola**: texto de apoio. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2002.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs+ Ensino Médio)**. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. **Mais saúde**: direito de todos: 2008-2011. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs+ Ensino Médio)**. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, 2008b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

CARVALHO, A. M. P. Critérios estruturantes para o Ensino das Ciências. In: CARVALHO, A. M. P. (Org). **Ensino de Ciências**: unindo a pesquisa e a prática (Org.). São Paulo: Cengage Learning, 2015.

COLL, C.; POZO, J. I.; SARABIA, B. VALLS, E. **Os conteúdos na reforma** - ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes. (tradução Beatriz Afonso Neves). Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

COSTA, J. A.; BALGA, R. S. M.; ALFENAS, R. C. G.; COTTA, R. M. M. Promoção da saúde e diabetes: discutindo a adesão e a motivação de indivíduos diabéticos participantes de programas de saúde. **Ciencias Saúde Coletiva** vol. 16 n. 3. Mar. 2011. Rio de Janeiro.

DEMARZO, M. M. P.; AQUILANTE, A. G. Saúde Escolar e Escolas Promotoras de Saúde. In: **Programa de Atualização em Medicina de Família e Comunidade**. Porto Alegre, RS: Artmed: Pan-Americana, 2008. v. 3, p. 49-76.

DIEHL, Astor Antonio. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**: métodos e técnicas. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FELIPE, G. F. **Educação em saúde em grupo**: olhar da enfermeira e do usuário hipertenso.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Cuidados Clínicos em Saúde) – Pró-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa. Universidade Estadual do Ceará. 173f. 2011. Disponível em: < www.uece.br/cmaccis/dmdocuments/gilvan_ferreira.pdf. >. Acesso em: 21 abr. 2016.

FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. **Saúde escolar: contradições e desafios**. Goiânia: AB, 1997. 56p

KARNIKOWSKI, M. G. O. ; FUNGHETTO, S. S. **Conversando sobre o Uso Racional de Medicamentos**. 2008. (Material Didático Pedagógico - Gibi Educativo).

MARTINS, L. M.; FRANÇA, A. P. D.; KIMURA, M. Qualidade de vida de pessoas com doença crônica. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. v. 4, p. 5-8, 1996.

MOHR, A. **A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2002.

PRESTES, Zoia Ribeiro. **Quando não é quase a mesma coisa**: traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2012.

SILVA. M. E. **Pé diabético**: Projeto Gestão Clínica. Belo Horizonte: DISAB, maio/jun. 2011

SMELTZER, S. C.; BARE, B. G. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. v. 1 . 9.ed. 2002. 218 p.

XAVIER, A. T. F. **Educação em Saúde como intervenção de enfermagem com pacientes adultos diabéticos**: uma análise de estudos que trazem evidências. Escola de Saúde Pública do Estado do Ceará. Fortaleza. 2008.

ZABALA, A. **A Prática educativa** : como ensinar Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.